

ENTENDENDO A PESQUISA DE CONDIÇÕES DE VIDA E VITIMIZAÇÃO DE 2007: DADOS PRINCIPAIS

Vanessa Campagnac¹

Eliane Luz²

Joelma Azevedo³

Tháís Ferraz⁴

Apresentação

Este artigo tem por objetivo a apresentação dos principais dados encontrados na Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização de 2007, realizada pelo Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. Algumas das mais importantes variáveis estudadas na pesquisa foram incluídas neste relatório a fim de exibir um panorama da população da Região Metropolitana do estado, numa tentativa de entendimento da realidade de vítimas e não-vítimas.

Os dados serão apresentados, de forma geral, de acordo com alguns blocos de questões estruturados no questionário da pesquisa, a saber: identidade social; hábitos e práticas; sentimento de insegurança; avaliação da segurança pública; experiência com a polícia; furto de veículos; furto de itens do veículo; arrombamento de casa; tentativa de arrombamento de casa; furto de algum outro bem; roubo de veículos; roubo de itens do veículo; roubo de casa; roubo de algum outro bem; vandalismo em veículo; estelionato; acidente de trânsito; agressões e ameaças; ofensa sexual; discriminação; e notificação à polícia.

1 Cientista Social pela UERJ, Mestre em Pesquisas Sociais pela ENCE/IBGE e Doutoranda do Programa de Ciência Política da UFF.

2 Cientista Social pela UFRJ.

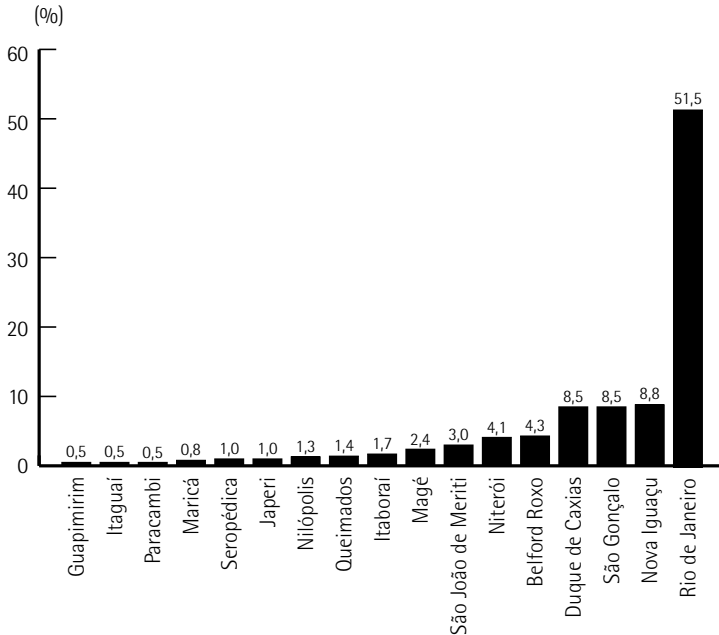
3 Cientista Social pela UFF, Pós-graduanda em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública (UFF).

4 Jornalista pela PUC-Rio, Bacharel em Letras pela UFRJ e Especialista em Marketing Empresarial pela UFF.

1) Perfil da população

Com o objetivo de investigar a Região Metropolitana do Rio de Janeiro⁵, a Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização, de acordo com o plano amostral delineado, entrevistou 4.553 pessoas, estimando, assim, 1.750.073 domicílios e uma população de 8.696.561 indivíduos. Destes, a maioria era do sexo feminino (53,7%).

Gráfico 1 – Local de moradia dos entrevistados (%)



Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

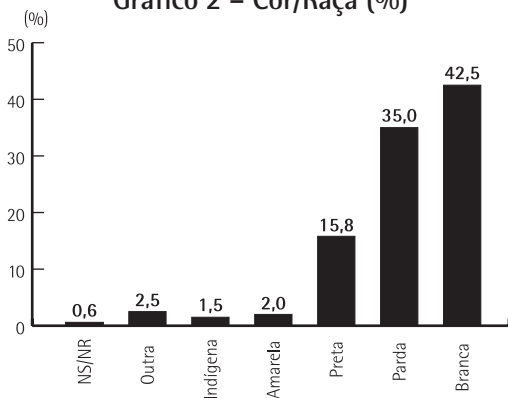
Na tentativa de traçar o perfil dessa população, no que se refere ao local de moradia, verificou-se que esta era, majoritariamente, de moradores da cidade do Rio de Janeiro (51,5%). Outros municípios de maior expressão foram: São Gonçalo, Duque de Caxias e Nova Iguaçu, com 8,5%, 8,5% e 8,8%, respectivamente. Os municípios com a menor proporção de entrevistados na amostra foram Itaguaí, Guapimirim e Paracambi, todos com 0,5%.

5 A Região Metropolitana do Rio de Janeiro foi delimitada, no âmbito desta pesquisa, como no Censo de 2000, do IBGE, compreendendo os municípios do Rio de Janeiro, São Gonçalo, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Niterói, São João de Meriti, Itaboraí, Magé, Nilópolis, Queimados, Japeri, Maricá, Seropédica, Guapimirim e Paracambi.

A primeira variável sócio-demográfica abordada na pesquisa foi aquela que diz respeito à cor/raça do entrevistado. Seguindo a metodologia de outras pesquisas (como aquelas realizadas pelo IBGE, por exemplo), a resposta obtida para essa categoria segue o padrão de auto-declaração. Nesse sentido, 42,5% da população estimada se autodenominaram brancos; 35,0%, pardos; e 15,8%, pretos. A categoria "outra cor" foi citada por 2,5% dos entrevistados, dizendo respeito às seguintes respostas: mulato, moreno, mestiço, encardido, mame-luco, café com leite, negro, faioderma, misto, ruivo, sul-americano e afro-brasileiro. "Índios" e "amarelos" foram as categorias citadas por 1,5% e 2,0% da população, respectivamente.

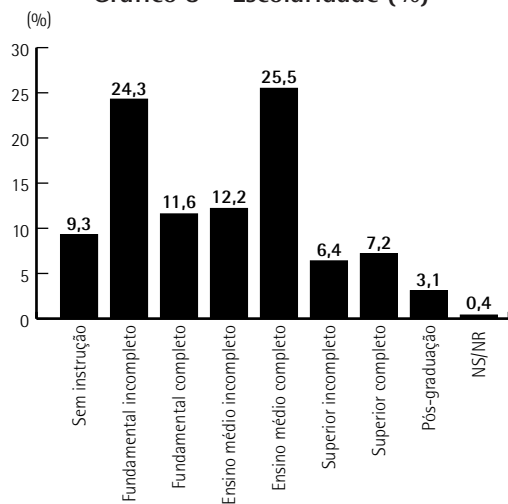
A escolaridade também é uma variável fundamental para traçarmos o perfil da população estudada. Com relação ao curso mais elevado concluído, 25,5% da população estimada responderam "Ensino Médio completo". "Ensino Fundamental incompleto" foi a segunda categoria mais citada, englobando 24,3%. Faz-se importante ressaltar que 9,3% desta população afirmaram não ter instrução, mesmo tratando-se de municípios de região metropolitana.

Gráfico 2 – Cor/Raça (%)

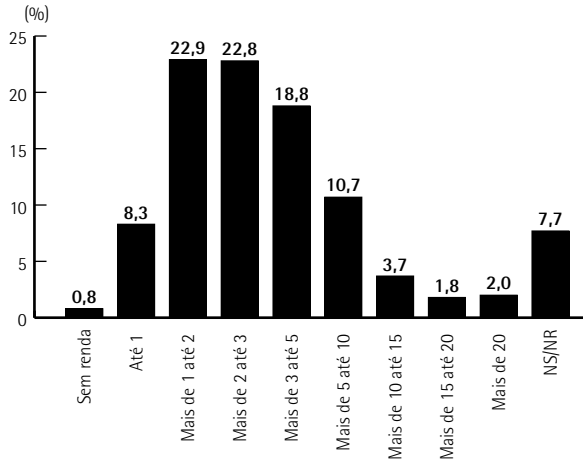


Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

Gráfico 3 – Escolaridade (%)



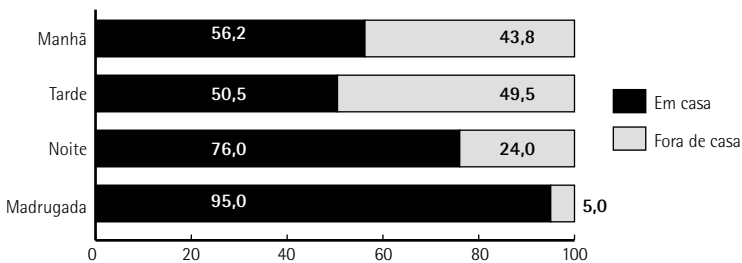
Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

Gráfico 4 – Renda mensal familiar – salários mínimos (%)

Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

A renda familiar mensal declarada pelos entrevistados estava compreendida, em sua maior parte, entre 1 e 5⁶ salários mínimos, totalizando 72,8% (frequência acumulada). 22,9% dos entrevistados afirmaram ter vencimentos entre 1 e 2 salários mínimos, enquanto somente 3,8% afirmaram receber acima de 15 salários mínimos.

2) Hábitos e práticas da população investigada

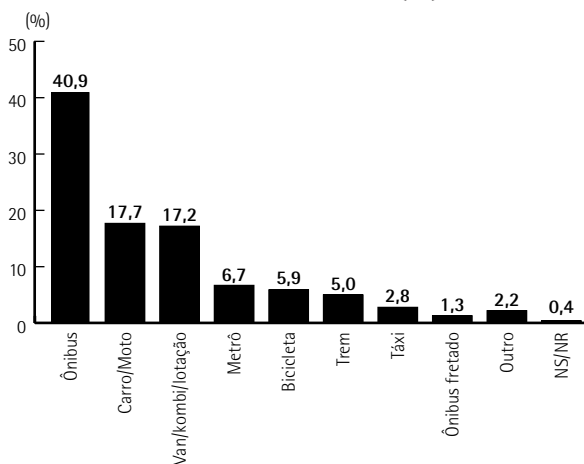
Gráfico 5 – Local de permanência durante a semana, segundo os períodos do dia (%)

Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

6 Durante o período da pesquisa o valor do salário mínimo era de R\$350,00.

No segundo bloco da pesquisa, os entrevistados foram perguntados acerca de seus hábitos e práticas durante os diferentes períodos do dia. A primeira questão era a respeito ao local onde o respondente costuma ficar durante a semana, se em casa ou fora dela, de acordo com diferentes horários do dia. Assim, verificou-se que a população entrevistada passa a maior parte do dia em casa, principalmente quando considerados os períodos da noite e da madrugada.

Gráfico 6 – Principais meios de transporte utilizados durante a semana (%)

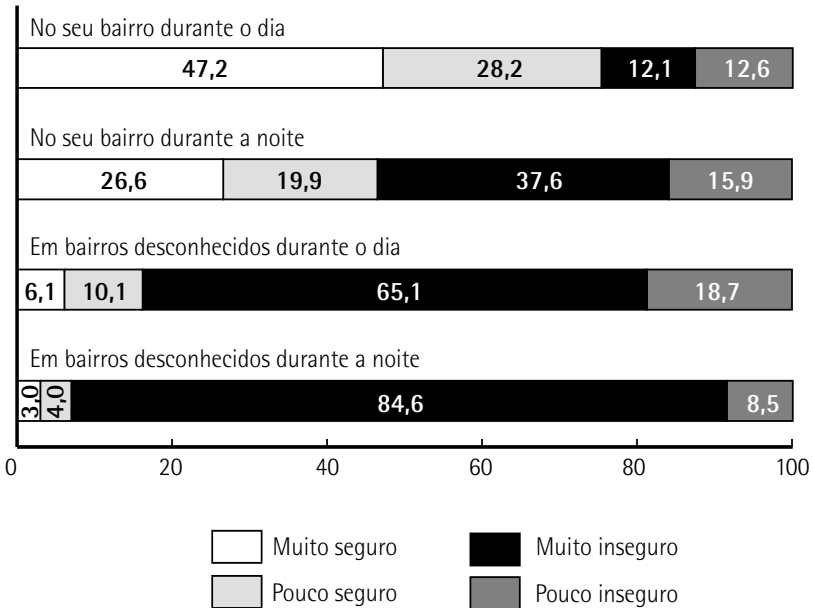


Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

Admitindo-se respostas múltiplas, aos entrevistados foi perguntado quais os meios de transporte mais utilizados para sua locomoção durante a semana. "Ônibus" foi a categoria mais citada, com frequência de 40,9%. Já "carro e moto" e outros meios de transporte alternativos, tais como vans, kombis e lotações, foram as segundas categorias predominantes, sendo citadas, cada uma, por 17,7% e 17,2% da população, respectivamente. Outros meios de transporte de massa, como trem e metrô, foram menos citados, provavelmente por suas malhas não atingirem a totalidade geográfica da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

3) Sentimento de Insegurança

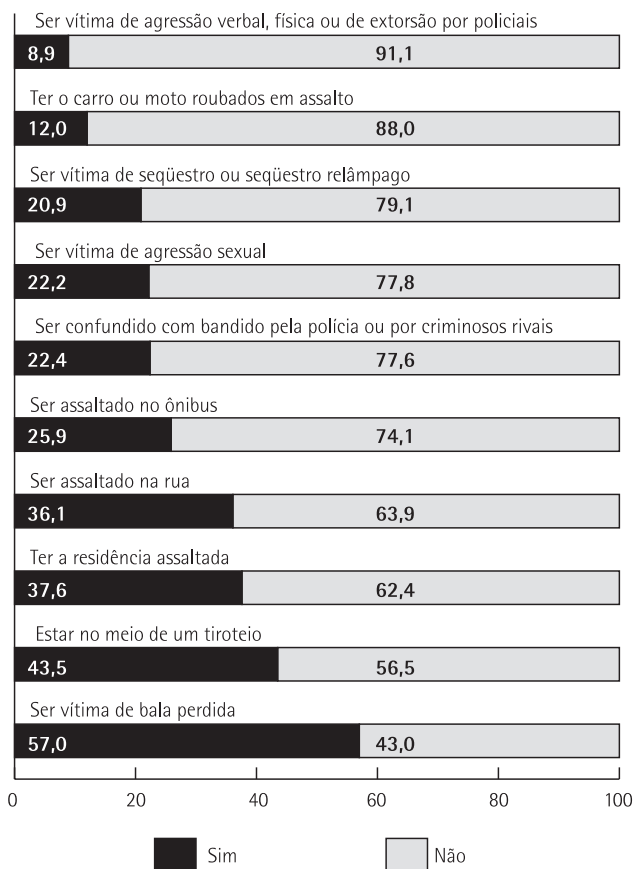
**Gráfico 7 – Sentimento de insegurança,
de acordo com localidades e períodos do dia (%)**



Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

No bloco da pesquisa sobre sentimento de insegurança, foi perguntado, primeiramente, sobre como as pessoas se sentiam ao andarem nas ruas de seus próprios bairros e de bairros desconhecidos, durante o dia e à noite. No geral, andar por localidades desconhecidas é o fator que mais contribui para o sentimento de insegurança: 65,1% da população estimada se sentem muito inseguros em bairros desconhecidos mesmo durante o dia, e 84,6% têm o mesmo sentimento em bairros desconhecidos à noite. As situações apontadas como as mais seguras dizem respeito ao próprio bairro, durante o dia ou mesmo à noite.

Gráfico 8 – Maiores medos da população, segundo bairro de moradia (%)

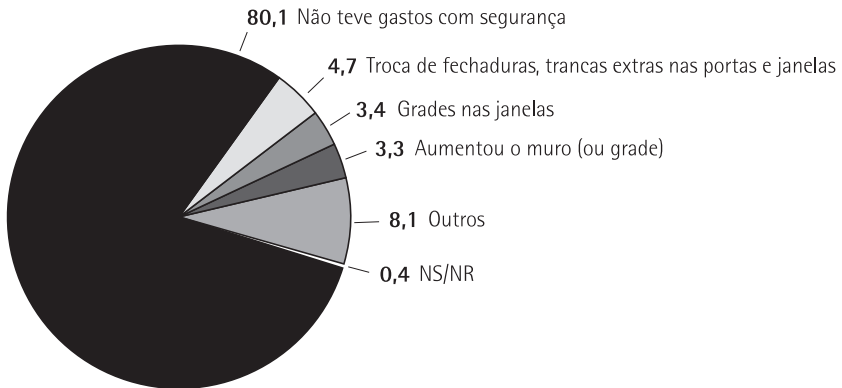


Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

Com relação aos maiores medos sentidos pela população, os entrevistados foram instruídos a responder por quais três situações mais temem passar em seus bairros. As repostas mais encontradas dizem respeito a 57,0% da população, que afirmam temer ser vítima de bala perdida em seu bairro, 43,5% que temem estar no meio de um tiroteio em seu bairro, e 37,6%, cujo medo maior é ter a residência assaltada. Os menores medos se referem a ser vítima de agressão verbal ou física (8,9%) e a ter o veículo roubado em assalto (12,0%).

Embora algumas das situações reportadas acima possam ser, em parte, evitadas com gastos em segurança pessoal, a maior parte da população estimada (80,1%) não reportou ter estes gastos. Com relação às medidas de segurança tomadas, troca de fechadura e colocação de trancas em portas e janelas foram reportadas por 4,7% dos respondentes, seguidas de colocação de grades nas janelas (3,4%). A categoria "outras medidas tomadas", com frequência de 8,1%, diz respeito à colocação de interfone, câmeras de vídeo, alarmes e cercas elétricas, além da presença de cães de guarda e vigias na rua.

Gráfico 9 – Medidas de segurança tomadas pela população (%)

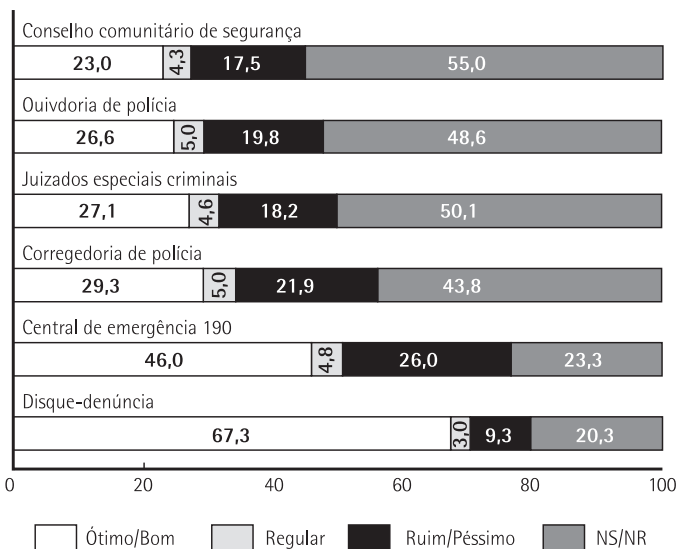


Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

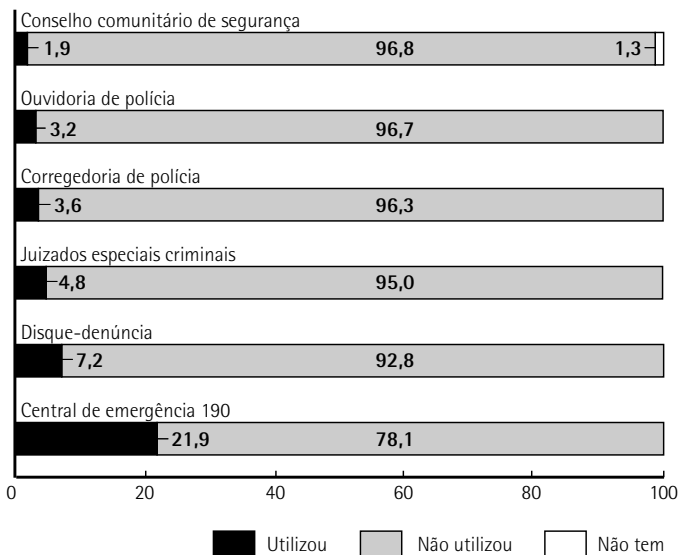
4) Avaliação da Segurança Pública

Alguns serviços de segurança pública foram avaliados na pesquisa realizada. O serviço melhor avaliado foi o Disque-denúncia⁷, já que 67,3% da população estimada o consideraram ótimo ou bom. No entanto, todos os serviços mencionados pela pesquisa obtiveram alta frequência de respostas "não sabe/não respondeu" com relação à sua qualidade, chegando esta a 55,0% no caso dos conselhos comunitários de segurança.

7 Embora o Disque-denúncia não seja um órgão afiliado a nenhuma das polícias, trata-se de uma organização não-governamental de auxílio ao trabalho das polícias, apoiada financeiramente pelo governo do estado do Rio de Janeiro.

Gráfico 10 – Avaliação dos serviços de segurança pública (%)

Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

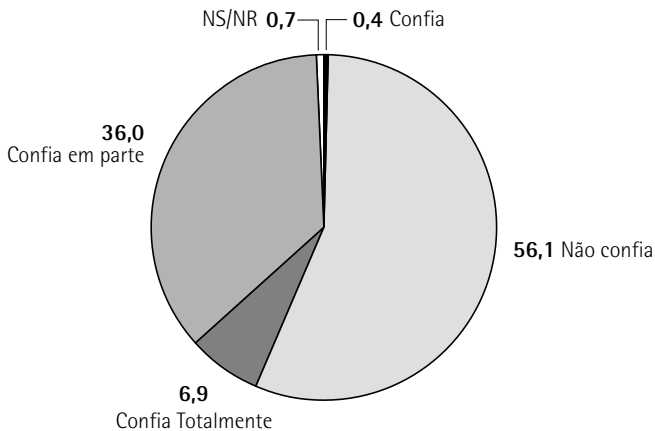
Gráfico 11 – Uso dos serviços de segurança pública (%)

Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

O desconhecimento verificado em relação aos serviços, que foi citado com frequências acima de 20,0%, pode ter relação com o baixo grau de utilização desses mesmos serviços pela população, como pode ser visto no gráfico seguinte.

Dos serviços de segurança pública elencados no questionário da pesquisa, a central de emergência 190 foi o mais utilizado, com frequência de 21,9%. Os outros serviços se mostraram muito pouco utilizados, já que não são acionados por mais de 90,0% da população.

Gráfico 12 – Confiança na Polícia Militar (%)



Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

Para melhor entendermos a confiança nos serviços das polícias e avaliarmos seus serviços específicos, foram feitas perguntas separadas a respeito da atuação da Polícia Militar e da Polícia Civil.

Considerando somente a Polícia Militar, foi verificado que apenas 6,9% da população estimada confiam totalmente nesta polícia, enquanto 0,4% somente confiam, e 36,0% confiam em parte. Diversamente, 56,1%, a maioria, não confia.

Os serviços de segurança pública prestados especificamente pela Polícia Militar também foram avaliados. O auxílio e o socorro às pessoas, que obteve 45,8% de aceitação como "ótimo" ou "bom", foi o serviço melhor avaliado. O trabalho realizado na organização do trânsito também foi bem avaliado, obtendo 37,8% de respostas "ótimo" ou "bom". O serviço de distribuição de policiamento nos bairros foi considerado o pior: tido como "ruim" ou "péssimo" por 70,3% da população.

Gráfico 13 – Avaliação sobre a Polícia Militar (%)

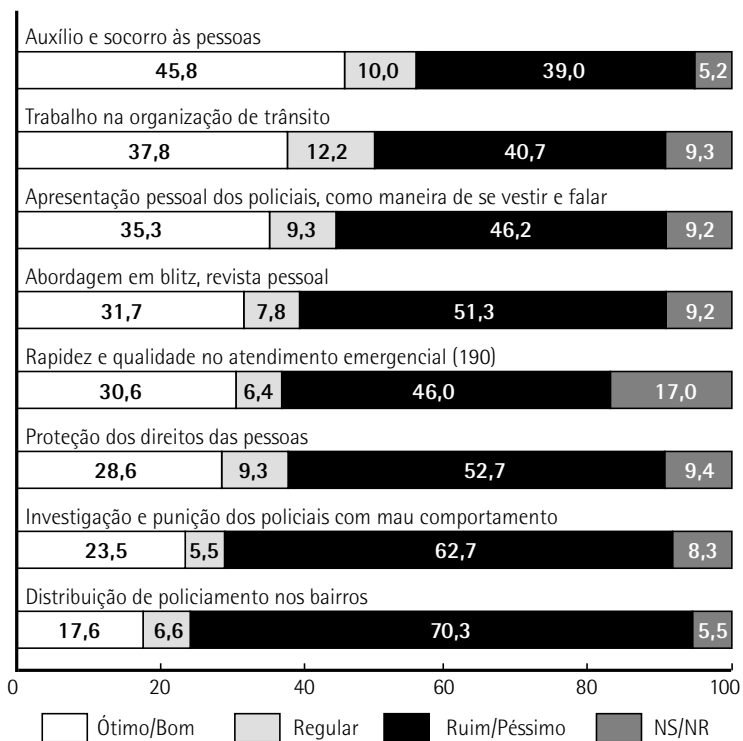
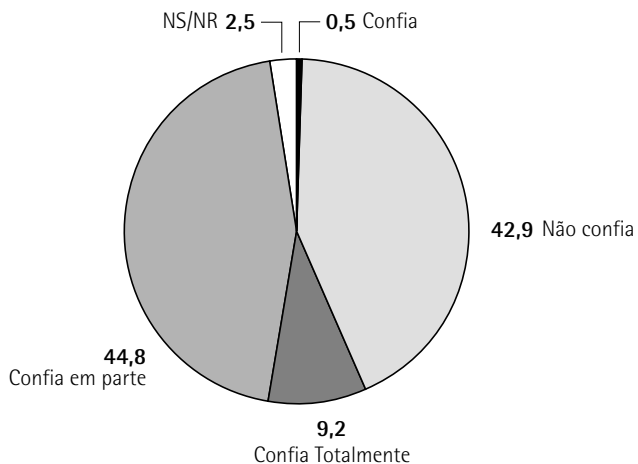


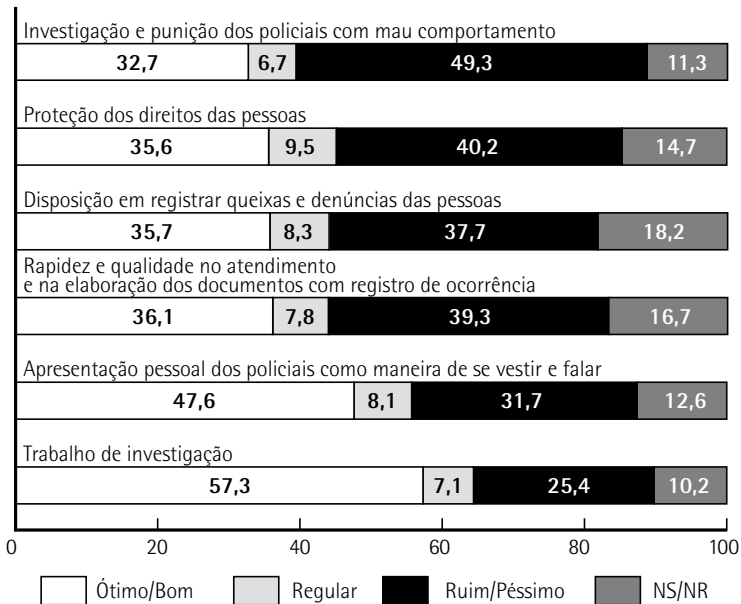
Gráfico 14 – Confiança na Polícia Civil (%)



Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

Como dito anteriormente, os serviços prestados pela Polícia Civil também foram avaliados separadamente na pesquisa realizada. Verificou-se que a Polícia Civil obteve melhor avaliação acerca do grau de confiança do que a Militar, pois 9,2% da população confiam totalmente nela, 0,5% confiam e 44,8% confiam em parte. Já 42,9% da população investigada responderam que não confiam na Polícia Civil.

Gráfico 15 – Avaliação da Polícia Civil (%)

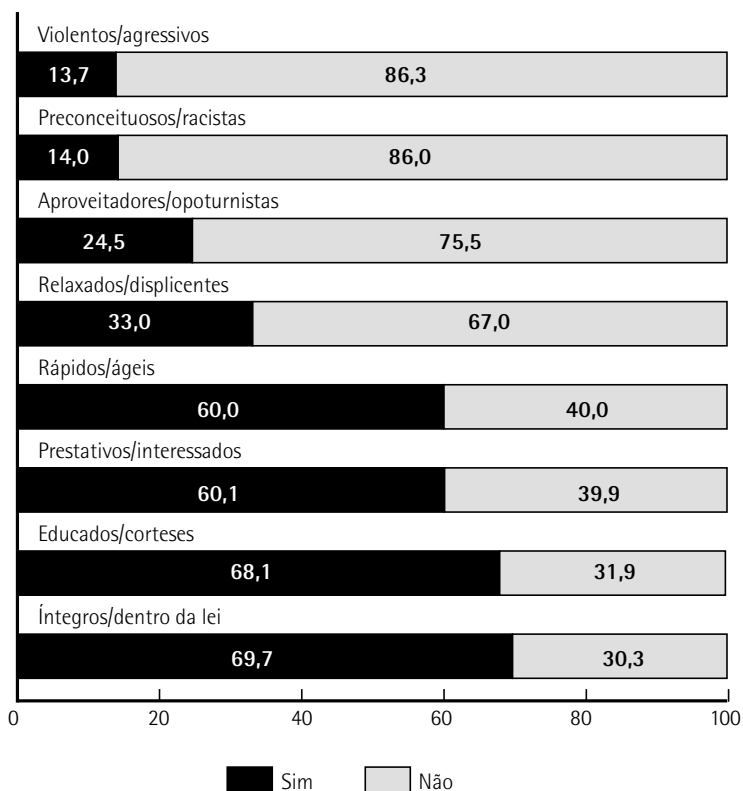


Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

O serviço prestado pela Polícia Civil melhor avaliado, de acordo com a pesquisa, foi o trabalho de investigação, já que 57,3% da população estimada o consideraram ótimo ou bom. Diversamente, a investigação e a punição de policiais com mau comportamento foi o serviço que recebeu a pior avaliação, sendo considerado "ruim" ou "péssimo" por 49,3% da população estimada.

5) Experiência com a Polícia

Gráfico 16 – Avaliação da experiência com a polícia (%)

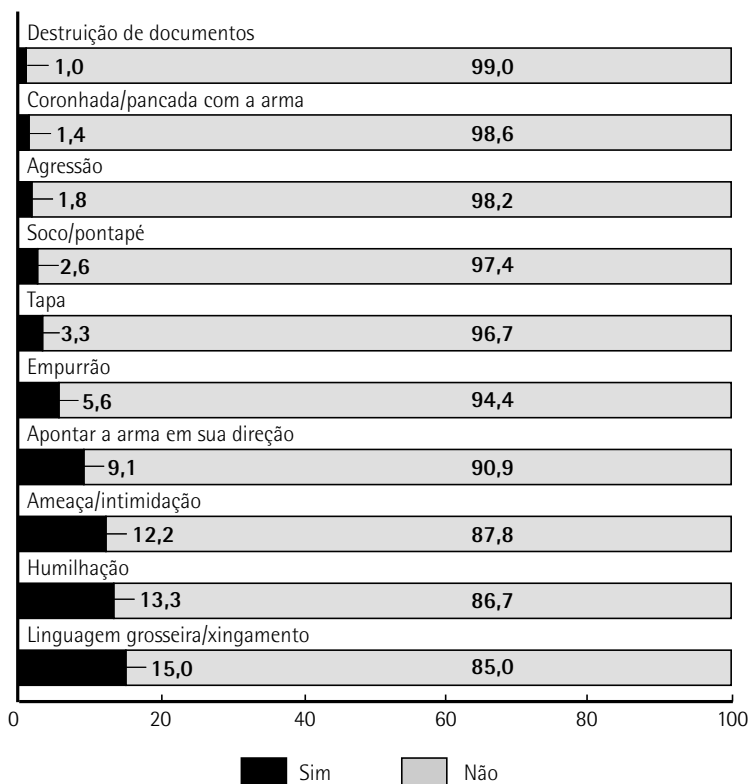


Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

As experiências entre a população e as polícias foram também investigadas nesta pesquisa. Do total da população estimada, 35,3% tiveram alguma experiência com a polícia ao longo da vida. A estas pessoas foi perguntado sobre sua experiência com a polícia e como os policiais agiram no último contato. No geral, a avaliação foi boa para a maioria dos quesitos, já que foram citados valores positivos como educação, cortesia, integridade e rapidez, como mostra o gráfico acima.

Também foi perguntado se houve algum tipo de agressão ou maus-tratos no último contato com as polícias. Contra 15 % da população estimada já foi usada uma linguagem grosseira ou um xingamento por parte de policiais. 13,3% já sofreram alguma tipo de humilhação e 12,2% foram ameaçados ou intimidados. Contudo, na maioria dos casos, a avaliação da última experiência com a polícia foi boa.

Gráfico 17 – Agressões ou maus-tratos no último contato com a polícia (%)



Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

6) Arrombamento de casa

Verificou-se que apenas 3,2% da população estimada sofreram arrombamento de casa nos últimos cinco anos. Destes, 23,7% fizeram o registro da ocorrência.

7) Furtos

a) Furto de algum bem

No que se refere aos furtos de algum bem, em 9,7% da população estimada foi encontrada resposta afirmativa a este crime nos últimos cinco anos. No entanto, apenas 23,6% dos vitimizados registraram a ocorrência numa delegacia de polícia. Com relação à frequência desse crime, verificou-se que 69,9% da população estimada que disse ter sido vítima desse tipo de delito foram furtados uma vez, 14,5%, duas vezes, 7,6%, três vezes e 8,0%, quatro vezes ou mais.

b) Furto de veículos

Verificou-se que 84,1% da população que afirmou possuir veículos nos últimos cinco anos não tiveram seu veículo furtado, nem sofreram tentativa de furto durante este mesmo período. Dos vitimizados, foi encontrada frequência de 70,0%, relativa a quem sofreu furto, e 29,1%, considerando quem sofreu tentativa de furto. Apenas 26,4% dos vitimizados registraram a ocorrência do crime na polícia.

8) Roubos

a) Roubo de algum bem

Segundo os dados obtidos, 11,9% da população estimada sofreram roubo ou tentativa de roubo de algum bem nos últimos cinco anos. Destes, na última ocorrência, 90,4% foram efetivamente roubados, enquanto 9,6% sofreram apenas tentativa de roubo. Em 24,9% das respostas das vítimas foi verificado que houve algum tipo de agressão física durante o roubo. Dos vitimizados totais, 37,8% reportaram o crime à polícia.

b) Roubo de veículos

Verificou-se que 44,6% da população que possuía veículos nos últimos cinco anos não foram vítimas de roubo ou tentativa de roubo no mesmo período. Diante do total de vitimizados, de acordo com a última ocorrência, verificou-se que 20,9% reportaram tentativa de roubo, enquanto 78,7% tiveram o veículo efetivamente roubado. No que se refere às tentativas de roubo, a maioria (86,7%) sofreu uma tentativa, apenas. Dos que tiveram veículos roubados, 80,2% sofreram roubo uma vez e 11,1%, duas vezes.

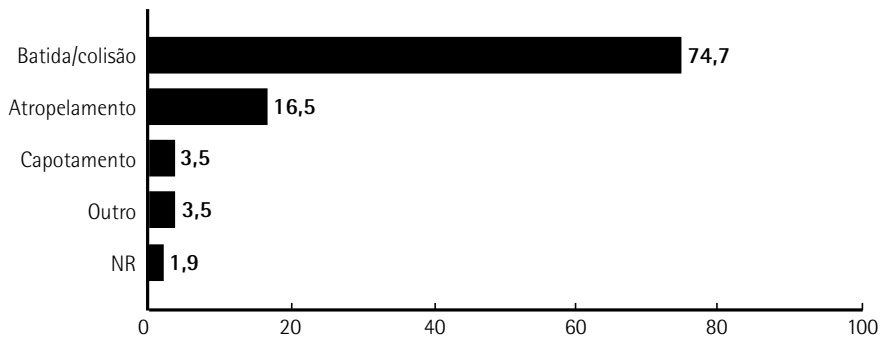
Quanto à existência ou não de agressão física durante a última ocorrência, 74,8% das vítimas de roubo de veículo afirmaram não ter sofrido qualquer tipo de agressão no momento do roubo ou da tentativa de roubo. A subnotificação aparece mais uma vez nessa pergunta, já que 34,4% das vítimas não relataram a última ocorrência de tentativa ou roubo do veículo à polícia.

c) Roubo de casa

Verificou-se que as vítimas de roubos de casa foram menos frequentes, já que 98,6% da população estimada afirmaram não ter sido vítimas deste crime nos últimos cinco anos, enquanto 1,2% afirmaram ter sido roubados e 0,2% reportaram tentativa. Nos casos de roubo de casa, em 21,4% destes houve agressão física. Com relação à notificação à polícia, 40,9% da população não realizou o registro de ocorrência na delegacia.

9) Acidentes de Trânsito

Gráfico 18 – Acidentes de trânsito (%)



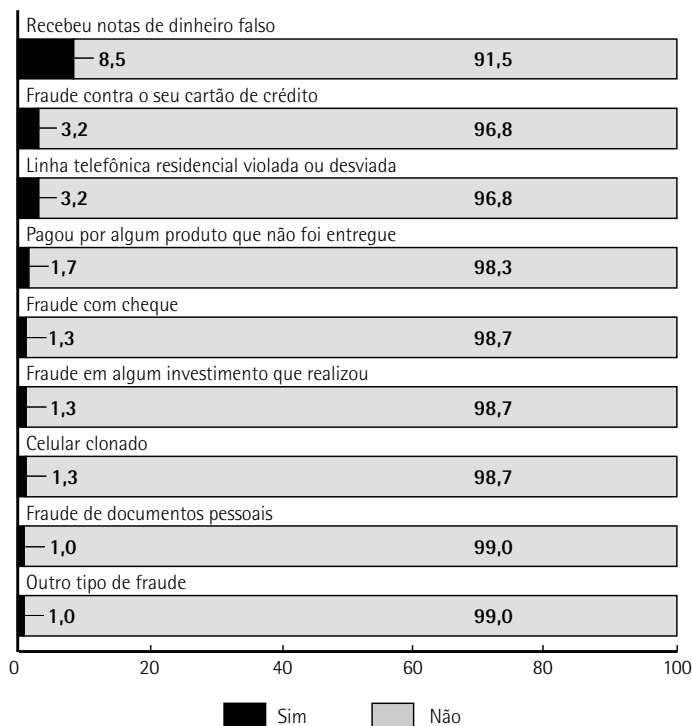
Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

Apenas 7,7% da população estimada foram vítimas de acidente de trânsito nos últimos cinco anos. A maior parte (74,7%) disse ter sido vítima de batida ou colisão, seguido de atropelamento (16,5%) e capotamento (3,5%), enquanto 3,5% sofreram outro tipo de acidente de trânsito.

10) Estelionato

Com relação ao último crime de estelionato sofrido, receber notas de dinheiro falso foi o tipo de fraude mais citado pela população (8,5%), seguido por fraude contra cartão de crédito (3,2%), e linha telefônica residencial violada ou desviada (3,2%).

Gráfico 19 – Tipos de estelionato sofridos pela população (%)



Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

11) Agressões e Ameaças

No bloco da pesquisa sobre agressões e ameaças, estas estão relacionadas tanto às agressões físicas como às verbais. Nesse sentido, considerando as vítimas, verificou-se que o tipo de agressão mais mencionado pela população foi aquele que se refere a insultos, humilhações e xingamentos, com frequência de 33,3%.

A segunda categoria mais citada foi ameaça de bater, empurrar ou chutar, com 19,6%. A menor proporção verificada disse respeito à ameaça armada com faca ou arma de fogo (esfaqueamento ou tiro), com 0,6%.

Gráfico 20 – Situações de agressão e/ou ameaça (%)

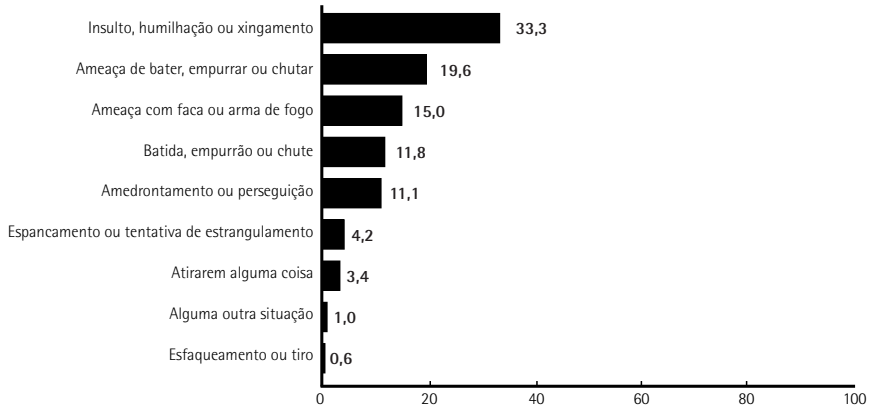
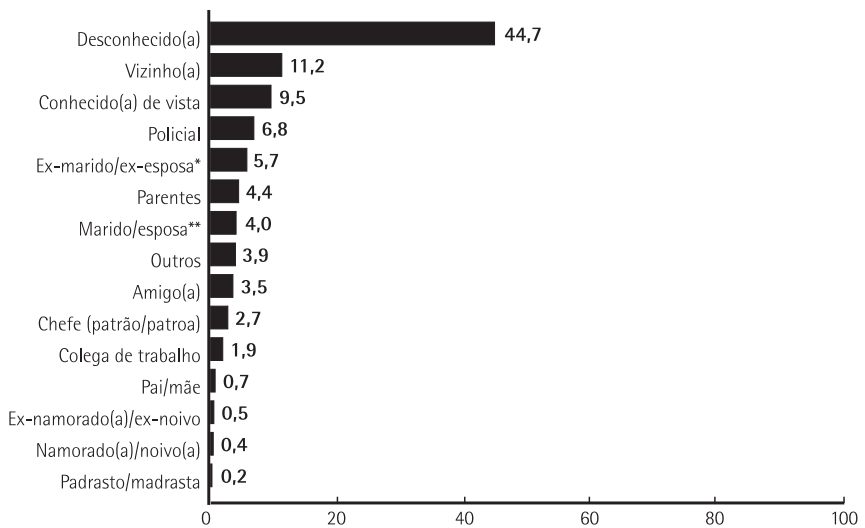


Gráfico 21 – Quem realizou agressão e/ou ameaça (%)



* Refere-se tanto a ex-marido e ex-esposa como a ex-companheiro (a).

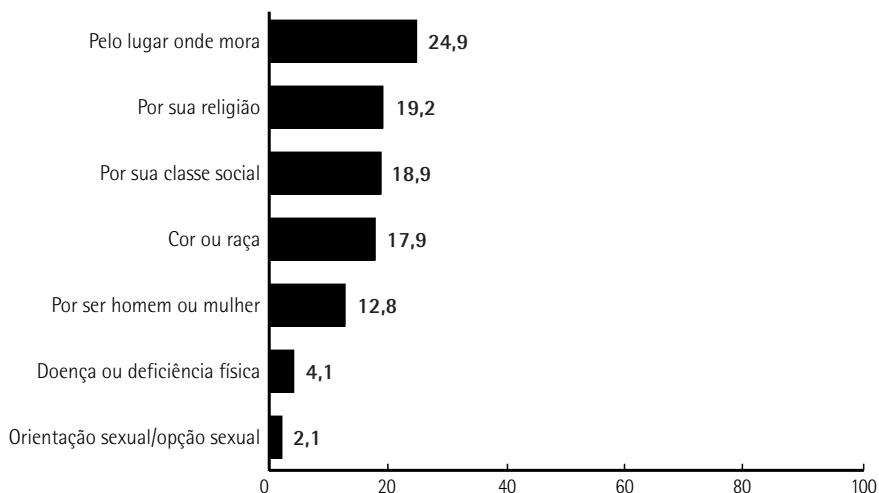
** Refere-se tanto a marido e esposa como a companheiro (a).

Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

Com relação à última vez que a população estimada foi vitimada por agressões e/ou ameaças, pôde ser constatado, embora a pergunta admitisse múltiplas respostas, que estas foram majoritariamente cometidas por desconhecidos das vítimas, simbolizando 44,7%. Ainda, 10,9% das vítimas de agressões e/ou ameaças reportaram a necessidade de atendimento médico, também considerando a última vez que aconteceu a vitimização. Ademais, 22,5% do total de vítimas registraram a ocorrência em alguma delegacia.

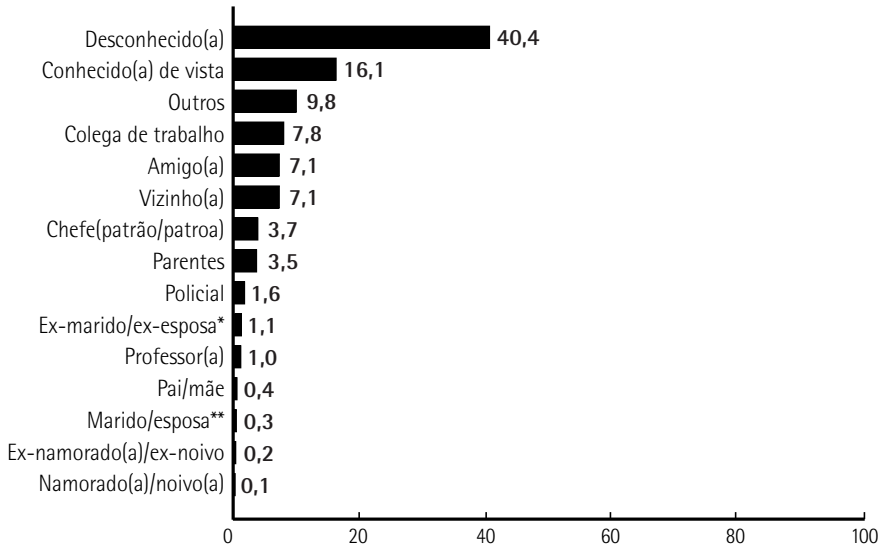
12) Discriminação

Gráfico 22 – Tipos de discriminação sofridos (%)



Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

Na parte da pesquisa que investigou alguns tipos de discriminação sofridos pela população, admitindo respostas múltiplas, verificou-se que 24,9% da população estimada sofreram algum tipo de discriminação, sendo o tipo predominante aquele relativo ao lugar onde o indivíduo mora (24,9%), seguido de discriminação por religião (19,2%) e por classe social (18,9%).

Gráfico 23 – Quem realizou a discriminação (%)

* Refere-se tanto a ex-marido e ex-esposa como a ex-companheiro (a).

** Refere-se tanto a marido e esposa como a companheiro (a).

Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

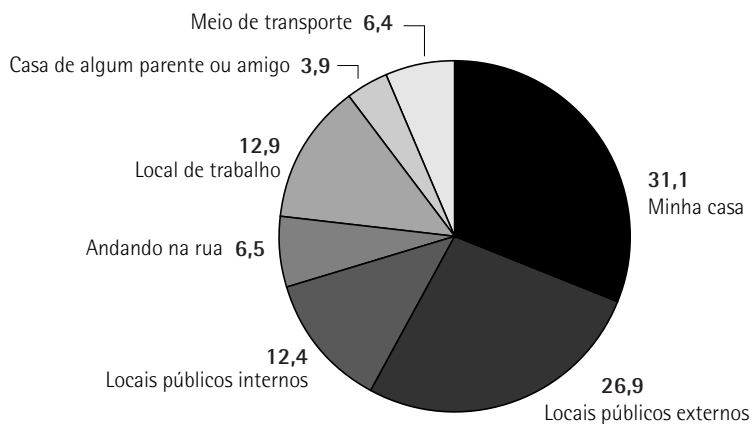
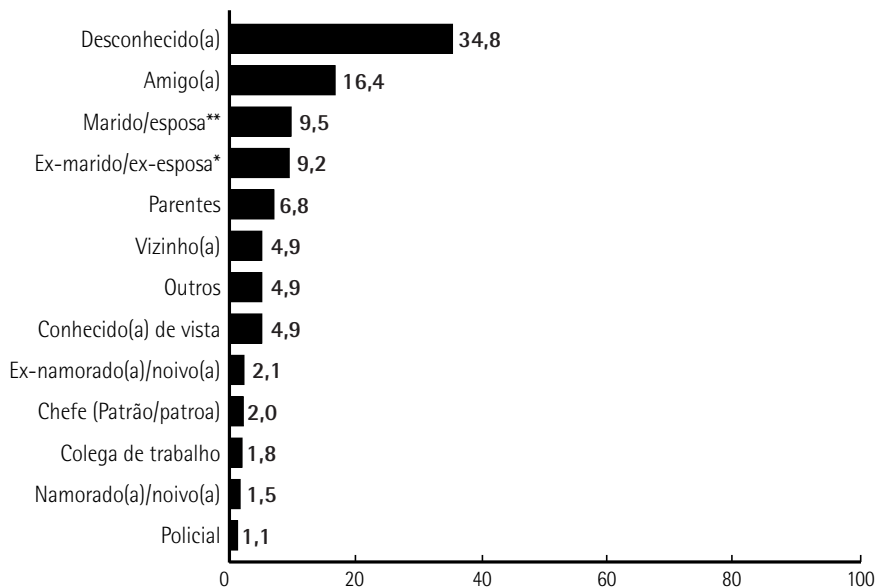
Com relação à última discriminação sofrida, "desconhecidos" foi a categoria de agressores predominantemente apontada, com frequência de 40,4%. Em seguida está a discriminação feita por conhecidos de vista, com 16,1%.

No que diz respeito à notificação da ocorrência de discriminação à polícia, verifica-se em apenas 3,4% da população vitimada esse tipo de registro.

13) Ofensa Sexual

De acordo com a pesquisa realizada, verificou-se que a maioria da população estimada (98,4%) não sofreu nenhum tipo de ofensa sexual. Diversamente, 0,7% das pessoas reportaram ter sido vitimadas, e 0,8% disseram que houve tentativa deste tipo de agressão.

Com relação ao local de ocorrência da última ofensa sofrida, a categoria "própria casa" foi a mais citada, simbolizando 31,1% da população vitimada. Ainda, locais públicos, tanto internos como externos, em conjunto, totalizam a resposta de 39,3%.

Gráfico 24 – Locais de ocorrência de ofensa sexual (%)**Gráfico 25 – Quem realizou a ofensa sexual (%)**

* Refere-se tanto a ex-marido e ex-esposa como a ex-companheiro (a).

** Refere-se tanto a marido e esposa como a companheiro (a).

Fonte: Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização/ISP (2007)

Os agressores sexuais mencionados pelas vítimas – de acordo com a última ocorrência de agressão sexual – são majoritariamente pessoas desconhecidas (34,8%). A categoria "amigos" foi a segunda mais citada, com 16,4%, enquanto maridos/esposas foi a proporção verificada em 9,5% da população de vítimas. A necessidade de atendimento médico por conta da última ofensa sexual sofrida foi reportada por 9,6%. Verificou-se também que 15,9% das vítimas reportaram o crime às autoridades policiais.

Considerações Finais

A Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização buscou investigar, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, os percentuais reais da população que foi ou não vitimada nos últimos cinco anos. Para tal, e de acordo com o plano amostral delineado, entrevistou 4.553 pessoas, estimando 1.750.073 domicílios e 8.696.561 indivíduos, cuja maioria é composta por mulheres (53,7%).

Grande parte dos entrevistados é da cidade do Rio de Janeiro (53,7%), se auto-declara da cor "branca" (42,5%), possui o ensino médio completo (25,5%) e tem renda familiar mensal entre 1 e 5 salários mínimos (72,8%). Com relação aos hábitos e práticas dos respondentes, a tendência é passar a maior parte do dia em casa e utilizar como meio de transporte principal o ônibus (40,9%).

Essas pessoas, no tocante ao sentimento de insegurança, se sentem menos desprotegidas em seus bairros durante o dia. Os grandes medos dos entrevistados estão relacionados às armas de fogo: 57,0% temem ser vítimas de bala perdida em seus bairros e 43,5% temem estar em meio a um tiroteio.

Os gastos com segurança pessoal não figuram como prioridade para os respondentes: 80,1% não os têm, optando apenas, quando entendem ser necessário, por trancas em portas e janelas (4,7%).

Os entrevistados, quando avaliam a segurança pública, apontam que o Disque-denúncia, uma ONG que auxilia o trabalho policial, financiada pelo governo do estado do Rio de Janeiro, é um ótimo serviço. Apesar disso, o Disque-denúncia não é o serviço de segurança pública mais procurado, e sim a central de emergência 190 (21,9%).

A confiança nos serviços policiais também foi medida. Para um melhor detalhamento da percepção acerca dos serviços prestados por elas, foram feitas perguntas separadas sobre a atuação da Polícia Militar e da Polícia Civil. Somente 6,9% dos respondentes confiam totalmente na Polícia Militar, e 9,2%, na Polícia Civil. Ou seja, esta última inspira mais confiança que a primeira. Com relação aos serviços, aqueles que foram melhor avaliados são: o auxílio e o socorro às pessoas, da Polícia Militar, com 45,8%, e o trabalho de investigação da Polícia Civil, com 57,3%.

35,3% da população estimada já tiveram alguma experiência com a polícia ao longo da vida. Esse contato se mostrou, sob uma perspectiva geral, positivo, pois as impressões geradas foram ligadas a valores como cortesia, integridade e rapidez.

Os entrevistados foram questionados sobre a presença de alguns tipos de delito em seu cotidiano. Por exemplo: se suas casas foram arrombadas, se sofreram furtos, roubos, se foram vítima de acidente de trânsito, estelionato, agressões ou ameaças, discriminação e ofensa sexual.

3,2% tiveram suas residências arrombadas, 1,2% foram roubados em sua casa e 0,2% reportaram ter sido furtados. Assim, considerando apenas as pessoas vitimizadas, no quesito "furto de veículos", 70,0% foram furtadas, e 29,1% sofreram tentativa de furto. Já no quesito "roubo de veículos", os vitimizados se dividem entre os 20,9% que sofreram tentativa de roubo e os 78,7% que efetivamente tiveram seu veículo roubado.

Com relação a furto e a roubo de algum outro bem, 9,7% foram furtados, e 11,9% da população estimada sofreram roubo ou tentativa de roubo. Apenas 7,7% dos respondentes já foram vítima de acidentes de trânsito e, dentre aqueles que foram vítima de estelionato, a maioria (8,5%) recebeu notas de dinheiro falso.

As agressões mais mencionadas são verbais: insultos, humilhações e xingamentos (33,3%). Os agressores, em sua maioria, foram desconhecidos (44,7%). 24,9% dos entrevistados disseram já ter sofrido discriminação, sendo o tipo predominante aquele relativo ao lugar onde moravam (24,9%). Nesse caso, os desconhecidos (40,4%) também são os maiores responsáveis.

As ofensas sexuais configuraram um quadro delicado, no qual os entrevistados tiveram dificuldade em obter informações devido ao caráter de intimidade

do tema. Mesmo assim, apurou-se que os agressores das pessoas que se incluem nessa categoria de vitimização são também os desconhecidos (34,8%).

Por tudo isso, é possível perceber a importância dos dados não notificados para a construção de um panorama analítico da situação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Explicitando números que estão à margem dos registros oficiais, a Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização contribui para a efetivação de políticas públicas baseadas em outras fontes de dados, além das estatísticas já conhecidas.